



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO/FE**  
**GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**BEATRIZ PALHARES NEVES**

**UM OLHAR IMPORTANTE PARA A EDUCAÇÃO: ALGUMAS RELAÇÕES  
ENTRE REDES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES**

Brasília

2023

BEATRIZ PALHARES NEVES

**UM OLHAR IMPORTANTE PARA A EDUCAÇÃO: ALGUMAS RELAÇÕES  
ENTRE REDES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB como requisito para a obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Guilmar Linhares Sanz

Brasília  
2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**UM OLHAR IMPORTANTE PARA A EDUCAÇÃO: ALGUMAS RELAÇÕES  
ENTRE REDES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES**

**Comissão examinadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Guilmar Linhares Sanz  
Faculdade de Educação – FE/MTC/UnB  
Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Mirella Pessoa  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Tiago Quiroga Fausto Neto  
Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este trabalho a todos que foram de grande importância para que eu chegasse até aqui, mas primeiramente, queria agradecer a Universidade de Brasília por ter me proporcionado tamanha experiência com essa graduação, onde tive o deleite de conhecer uma diversidade enorme e participar de eventos que contribuíram para a minha formação profissional e pessoal, pelos inúmeros debates, pela nova visão de vida e de construção como ser humano que pude testemunhar nestes anos de graduação.

Gostaria de dedicar esse trabalho aos meus amigos que me acompanharam nessa jornada e que seguiram comigo desde o início, a maioria deles ingressaram comigo na Universidade, alguns já se formaram e outros ainda estão imersos dentro dos seus cursos. Cada um com a suas vivências, mas sempre estivemos unidos.

Agradeço também à minha orientadora e professora Claudia Sanz, por quem eu tenho tanta admiração, que desde o início, em uma disciplina no subsolo da Faculdade de Educação, me proporcionou um novo olhar para a pedagogia. Agradeço por ter me acolhido e me acompanhado nessa trajetória.

Por fim, dedico este trabalho a minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida, que sempre sonhou o melhor para mim e contribuiu para a minha formação e conclusão do meu curso. Obrigada por me amar e acreditar em mim.

## **RESUMO**

O presente artigo visa pensar a relação entre o aumento de casos de adolescentes diagnosticados com transtornos depressivos e de ansiedade, o uso das redes sociais e as lógicas sociais implicadas nesses dispositivos. Analisamos aqui como esses problemas de saúde mental, sofridos hoje pelos jovens e adolescentes brasileiros, se vinculam ao uso dessas novas tecnologias de comunicação em massa, principalmente às lógicas de concorrência, avaliação e visibilidade intensificadas por essas tecnologias. Trata-se de um tema cada vez mais relevante para os estudos em Educação, já que esse novo quadro tem afetado profundamente as escolas e suas comunidades, transformando as demandas pedagógicas que precisam lidar com essas novas realidades e contextos sociais. Metodologicamente, trabalhamos a partir de uma revisão bibliográfica, articulando reportagens atuais acerca do assunto, pesquisas recentes e textos teóricos que analisam a questão a partir de uma problematização social. De fato, partindo do pressuposto que as escolas são campos de discursos que permeiam a sociedade, compreendemos que a problemática da saúde mental refletida no aumento de casos em adolescentes, interfere diretamente a realidade escolar, transformando a análise sobre a problemática, seus mecanismos e suas estruturas sociais em um tema fundamental na formação de pedagogos.

**Palavras - Chaves:** sofrimento psíquico- Brasil contemporâneo – adolescentes - concorrência - visibilidade

## **ABSTRACT**

This article aims to think about the relationship between the increase in cases of adolescents diagnosed with disorders such as depression and anxiety, the use of social networks and the social logics implied in these devices. We analyze here how these mental health problems suffered today by Brazilian youth and adolescents are linked to the use of these new mass communication technologies, mainly because they end up intensifying the logics of competition, evaluation, and visibility. This is an increasingly relevant theme for studies in Education, since this new framework has deeply affected schools and their communities, transforming the pedagogical demands that need to deal with these new realities and social contexts. Methodologically, we worked from a bibliographic review on the theme, articulating current reports on the subject, recent research, and theoretical texts that analyze the issue from a social problematization. In fact, based on the assumption that schools are fields of discourse that permeate society, we understand that the mental health problem, reflected in the increase of adolescent cases, interferes directly with school reality, transforming the analysis of the problem, its mechanisms, and its social structures into a fundamental theme in our training as educators.

**Palavras-chave:** psychological suffering- contemporary Brazil - adolescents - competition - visibility

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1. MEMORIAL EDUCATIVO                                  | 8  |
| 2. ARTIGO CIENTÍFICO                                   | 11 |
| 2.1 INTRODUÇÃO   | 11 |
| 2.2 ADOLESCENTES EM REDE E O IMPERATIVO DE SER VISÍVEL | 14 |
| 2.3 AVALIAÇÃO CONTÍNUA                                 | 17 |
| 2.4 BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS                        | 22 |
| 2.5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS                         | 24 |





## 1. MEMORIAL EDUCATIVO

Me chamo Beatriz Palhares, tenho 28 anos e vou contar um pouco da minha história dentro da educação.

Filha de pais separados, natural do Ceará, sou a filha mais nova, meu irmão é dois anos mais velho do que eu. Apesar de sermos muito unidos, hoje moramos em realidades bem diferentes. Meu irmão, Bruno, 30 anos, mora em Fortaleza e também trabalha na área de educação, professor da disciplina de geografia. Crescemos juntos e fomos criados pela nossa mãe. Minha mãe foi o maior exemplo que tive na vida, primeira filha a se formar em um curso superior de 9 irmãos, se formou em 1982, com 23 anos, em letras inglês e português pelo CEUB. Apesar da formação, minha mãe só atuou na educação 2 vezes em toda sua vida, uma quando éramos pequenos e ela precisava trabalhar e resolveu dar aulas de inglês para alunos do EJA, a outra foi depois dos 60 anos, ela passou no concurso da secretaria para professora temporária. Minha mãe faleceu em 2023, devido a um câncer no estômago.

Tive uma infância dividida, problemas de família, inúmeras idas e vindas de Fortaleza para Brasília. Durante muito tempo, minha mãe trabalhou com a família, ela teve uma difícil relação com os seus pais e irmãos, quando as coisas não estavam bem, ela sempre voltava para Fortaleza e foi assim durante toda a minha infância e adolescência. Minha infância foi dividida entre praias de Fortaleza e uma casa na fazenda do meu avô, quando estava em Brasília. Apesar da distância, meu pai sempre esteve presente, eu passava as férias com ele e sempre tínhamos a sua companhia durante os fins de semana. Meus pais sempre foram muito preocupados com a nossa educação, minha e do meu irmão, buscando sempre as melhores opções de escola. Quando criança, estudei em uma das melhores escolas de Fortaleza, mas como sempre dependemos do trabalho e esforço da minha mãe, nem sempre foi assim. Tivemos que estudar em escolas menores, mas mesmo assim, sempre estudei em escola particular. Minha mãe sempre incentivou a mim e ao meu irmão para estudarmos e buscar o melhor para nós, ela não queria que tivéssemos uma dependência como ela teve e sempre repetia que a melhor coisa na vida dela foi ter tido um diploma embaixo dos braços.

Em 2012, os negócios da minha família não estavam indo bem e tivemos que

declarar falência. Por ter uma relação muito difícil com seus parentes, com muitas brigas e desentendimentos, minha mãe resolveu retornar a Fortaleza em 2013. Nesse mesmo período eu estava fazendo cursinho, já tinha me formado no ensino médio em uma escola particular pequena no Gama-DF e estava morando em Brasília a mais ou menos 3 anos. Foi quando surgiu a escolha de cursar pedagogia. A princípio meu desejo era de fazer comunicação social, mas a pedagogia apareceu como uma opção. Nos primeiros semestres da faculdade, confesso, não me reconhecia trabalhando e muito menos gostando da área. Foi depois de me afastar por 2 anos e retornar a faculdade que tive outro olhar para o curso de pedagogia. A faculdade já não era mais a mesma e tinha ocorrido mudanças dentro do curso, foram nascendo novas perspectivas e outros olhares para a área. Foi quando comecei a entender a importância e a diferença que um profissional da educação tem dentro de qualquer meio. Hoje me sinto completa, quando olho para trás e vejo toda a minha trajetória, que não foi fácil, vejo que venci os meus medos, percorri altos e baixos durante minha formação, muitas vezes pensei em desistir, mas sempre lembrei que dona Rosa, minha mãe, dizia que a graduação iria mudar toda minha história de vida.

Em todo percurso da minha graduação, me interessei por disciplinas que trouxeram debates para dentro das salas, onde as leituras e a curiosidade pudessem me instigar a questionar os posicionamentos pessoais e educacionais acerca de vários assuntos. Lembro-me da primeira disciplina que eu tive contato sobre as temáticas do neoliberalismo, do capital, da formação do sujeito, essas discussões que eram trabalhadas dentro de sala, me fizeram rever os sentidos e os “porquês” que estão inseridos em um cenário tão subjetivo que é o educacional, ou de formação do sujeito. Em 2019, dei entrada no meu primeiro trabalho de conclusão de curso, dentro da área de gestão educacional, apesar de gostar da área, não foi um trabalho em que me incentivou e me indagou a questionar algo. No ano de 2020, logo após a descoberta da pandemia, enquanto estava lendo algumas matérias, me deparei com o enunciado sobre saúde mental e ambiente escolar, o aumento de casos devido ao uso excessivo de redes sociais e também como a pandemia intensificou esse uso. Logo após esse período, a professora Cláudia, com quem estive em algumas disciplinas e me proporcionou novos olhares sobre o curso de pedagogia, que por vezes pensei em desistir, estava ofertando vagas para a orientação do TCC, nesse momento mandei e-mail para ela e expliquei que eu já tinha pensado em todo o trabalho e em como eu poderia decorrer de uma forma mais satisfatória essa parte tão importante do curso, que é o trabalho de conclusão, ela aceitou me orientar e fiquei

extremamente empolgada.

O tema saúde mental e redes sociais, está imerso dentro da minha realidade. Em 2022, comecei meu tratamento contra a depressão e ansiedade, percebi no decorrer dos anos o quanto o acesso às redes me faziam procurar um ideal de beleza e conseqüentemente ajudava a desvalorizar a minha. Mas quando percebi que eu estava passando tempo demais me importando em como os acessos me fariam ser vistas ao invés de mim mesma, decidi viver os momentos que a vida poderia me proporcionar.

Hoje já atuo na área de educação, como professora de inglês, e não me vejo atuando em outra área. Me sinto realizada quando chego em uma sala de aula e começo a conversar com os alunos, eu sei da importância que esses momentos têm na trajetória de cada um, todos sempre vão lembrar da professora que chamamos de tia na educação infantil. Até hoje lembro-me da minha professora de alfabetização. A educação para mim é um berço, onde podem surgir várias possibilidades, é a realização de uma vitória. Estar em uma sala de aula, vai muito além do que apenas disciplinas e conteúdo, é dar espaço e compreender, é se colocar no lugar do outro. Durante minha graduação, conheci várias pessoas diferentes, tive disciplinas que se encaixavam em todas as possibilidades que a educação poderia me proporcionar. Apesar de demorar bem mais do que o normal, hoje vejo que esse tempo foi necessário, não somente para eu entender mais sobre a perspectiva da educação e o papel do pedagogo, mas também para conhecer a Beatriz dessa maneira, não somente como professora, mas como educadora.

Em tantas formas, me conheci, me redescobri dentro desse curso e destes anos de universidade, muitas coisas aconteceram e muita coisa mudou. Apesar de não estar mais na UnB, sei que estou finalizando não somente meu sonho, mas também o sonho da minha mãe, que desde o início me motivou e não deixou com que eu desistisse.



## 2. ARTIGO CIENTÍFICO

### UM OLHAR IMPORTANTE PARA A EDUCAÇÃO: ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE REDES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES

#### 2.1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde divulgou em junho de 2022 que quase um bilhão de pessoas vivem com algum transtorno mental, sendo 14% adolescentes (BUSCHER, N; ONU News, 2022). O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) divulgou em 2019 que cerca de 20% dos adolescentes em todo o mundo sofrem com transtornos mentais, os mais apontados dentre eles seriam a automutilação, suicídio e a depressão. O suicídio é maior entre pessoas de 15 a 19 anos e esse número pode aumentar ainda mais em países de baixa e média renda. O Ministério da Saúde do Brasil realizou um estudo epidemiológico em 2022 que constatou que a depressão ao longo da vida no país está em torno de 15,5%. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) conferiu à depressão o quarto lugar entre as vinte doenças de maior AVAD (anos de vida ajustados em desabilidade) permitindo avaliar os efeitos de saúde mental como principais causas de ônus. A depressão chegou a uma prevalência de 10,4% na rede de atenção primária segundo a OMS. Estudos apontam que o índice de depressão é maior entre as mulheres, chegando até 20% e 12% entre os homens.

O canal quebrando o tabu publicou, em abril de 2022, uma matéria abordando o aumento de casos de doenças em relação à saúde mental dos jovens após o início da pandemia e esses problemas agravaram-se ainda mais com os impactos das redes sociais dentro das construções dos perfis dos jovens e adolescentes que estão inseridos nas escolas, “jovens de 11 a 13 anos sofrem ainda mais com esses julgamentos causados pelas inserções das redes sociais nas relações interpessoais e sociais” (THOMPSON, D; The Atlantic, 2022). Segundo a pesquisa feita pelo Datafolha em 2022, o Brasil vive uma nova pandemia, a da saúde mental. Uma pesquisa realizada pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), trouxe dados onde os transtornos de saúde mental como depressão e ansiedade aumentaram cerca de 25% pós pandemia e os efeitos que isso causou como emergência pela disponibilidade de serviços de saúde mental, essa pesquisa apontou que o grupo que mais

sofreu com transtornos mentais pós pandêmicos são jovens e mulheres (2022).

Segundo a reportagem do Resumo Diário (Midia News,2022), o Brasil está vivendo uma espécie de segunda pandemia, com “mutirão de deprimidos e ansiosos”. Esse cenário parece ter penetrado também pelos muros das escolas. Educadores identificam, dentro dos ambientes escolares, crianças e jovens com sintomas de depressão, ansiedade e agressividade, além de outros transtornos. Em abril de 2022, 26 alunos de uma escola estadual Ageu Magalhães, no bairro Tamarineira, na Zona Norte do Recife, sofreram o que os professores chamaram de “surto coletivo de ansiedade” (RODRIGUES, H; Revista Fórum, 2022). Segundo os relatos aos jornais, após a refeição, os alunos começaram a apresentar comportamentos comuns em fortes crises de pânico: deitados no chão, trêmulos, suando, chorando e com dificuldade de respirar. A solução encontrada pela direção da escola foi acionar o Serviço de Atendimento Médico de Urgência (SAMU) que os levou para o hospital.

No mesmo mês, no interior de São Paulo, nove alunos com idades entre 11 e 12 anos, de uma mesma escola, se cortaram com lâmina de apontador na sala de aula e no banheiro do colégio. Uma das meninas relatou na presença da mãe que os cortes foram uma forma de lidar com a tristeza que ela sentia por ficar sozinha (O Globo, 2022). Tal situação tem impactos por interferir nas relações dinâmicas internas da escola, seja por colocar os jovens em vulnerabilidade muitas vezes incompatível com os processos de formação. De certo, como avalia Guiterra (2003), a escola é um espaço privilegiado de relações pessoais e sociais, mediador de dinâmicas entre o indivíduo e o seu grupo, desejos e deveres, sobretudo para os adolescentes: ali eles integram o começo da vida adulta e consolidam aspectos importantes no campo subjetividade (incumbido; Carneiro; Souza; Coutinho; Silva, 2016).

---

Nesse sentido, o mal-estar generalizado diagnosticado fora dos muros escolares nos últimos anos, também comparece de maneira importante no interior desses muros, como um microcosmo das relações sociais. Na realidade, esse espaço privilegiado de relações que é o campo educacional não funciona só como reflexo das mazelas sociais, mas também como produtor, intensificador e, às vezes, mediador desses problemas. Nesse sentido, a crise de saúde mental do Brasil hoje parece ter se tornado tema relevante também para os educadores, porque atinge a comunidade escolar, quanto porque cria novas demandas para a escola que agora precisa encontrar maneiras de mediar, atenuar e até mesmo problematizar

essas questões. Neste sentido, é necessário que o campo da educação se pergunte sobre essa realidade, investigue – a partir das perspectivas educacionais – a complexidade da sociedade contemporânea, analisando as formas atuais de sociabilidade.

É importante ressaltar que para pensar as formas atuais de sociabilidade não podemos deixar de levar em conta a centralidade que as tecnologias comunicacionais e informacionais ganharam para o cotidiano atual, principalmente na vida dos adolescentes e jovens. Aliás, entre as causas apontadas para esse novo problema de saúde coletiva, é comum encontrarmos enunciados que responsabilizam, sobretudo no âmbito da infância e juventude, o uso excessivo das redes sociais como causa de um profundo desequilíbrio mental. Dependência, instabilidade emocional, cyberbullying, cultura do ódio são alguns dos fatores que têm sido apontados como problemas que afetam a saúde mental decorrentes do uso das redes sociais. De fato, não é possível ignorar que não apenas as novas gerações, mas toda a sociedade está atualmente bastante vinculada com as tecnologias comunicacionais, as redes digitais e os novos modos de sociabilidade que se efetivam através dessas tecnologias. Como aponta a pesquisa TIC KIDS ONLINE BRASIL (CETIC, 2022), nove a cada dez crianças são usuárias da internet. A pesquisa aponta também que em 2021, 78% dos usuários de internet de nove a dezessete anos acessaram alguma rede social. Uma pesquisa realizada pelo Hospital Santa Mônica destaca que a maioria dos jovens de 14 a 24 anos, acredita que as redes sociais prejudicam o seu bem-estar, onde 63% dos usuários relatam uma infelicidade e 5% se consideram viciados em redes sociais.<sup>1</sup>

Conforme Santos & Santos (2014) as redes sociais trazem mudanças significativas tanto no ponto de vista social, mas também na realidade e demandas das escolas, configurando um novo espaço e novas maneiras para ensinar e aprender. Além dessa mudança do espaço social que ele chama como técnico-científico-informacional, trazendo a relevância que as mídias sociais trouxeram para as relações como um todo.

Será, então, que poderíamos dizer que as redes sociais estão entre as principais causas dos problemas de saúde mental enfrentados atualmente? Esse é o tema do nosso artigo: visamos pensar como se relacionam o aumento de casos de diagnósticos da saúde mental pensando através das lógicas sociais impulsionadas pelas redes sociais, a partir das questões da visibilidade, concorrência e avaliação contínua do desempenho. Trata-se de

---

<sup>1</sup> Com as restrições originadas pela covid-19, as redes sociais, principalmente, aquelas que proporcionam maior interação entre os usuários ganharam mais destaques como afirma Bezerra e Gibertoni (2021), destacando em maior uso durante esse período a rede social Tik Tok.

pensar no campo da educação e como se deve contribuir com esses problemas de saúde mental generalizado.

## **2.2 ADOLESCENTES EM REDE E O IMPERATIVO DE SER VISÍVEL**

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define-se como adolescente, a pessoa entre doze e dezoito anos de idade. É na adolescência que buscamos encontrar a nossa essência. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a adolescência como um processo fundamentalmente biológico, durante o qual ocorre o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Este período de vida abrange as idades de 10 aos 19 anos, subdividida em duas etapas: pré-adolescência que têm início dos 10 aos 14 anos e adolescência propriamente dita contempla de 15 aos 19 anos. O conceito de juventude, entretanto, enquadra-se numa categoria essencialmente sociológica, que pressupõe ser um processo que visa a preparação do indivíduo com vista a assumir o papel de adulto na sociedade, tanto ao nível familiar quanto no plano profissional, abrangendo dos 15 aos 24 anos (MISAU, 2001; OPS, 1985).

Além de uma faixa etária, a adolescência é também um período de construção histórica e social. Ou seja, ela pode ser caracterizada pela sua classe social, cultural, entre outros mecanismos de formação do indivíduo. Não há um padrão definitivo que marque a adolescência, mas sim, variadas construções que passam por prazeres e dores múltiplas. De acordo com Becker, a adolescência é a fase em que buscamos sermos notados e procuramos a capacidade de pertencimento a algo. É nesse processo histórico e social que encontramos as crises existenciais que já são fases marcantes desse período da vida que se caracteriza pelo amadurecimento da infância para a vida adulta, é, portanto, uma fase que destaca um foco no desenvolvimento da identidade e da socialização (Livingstone, 2007).

Destaca-se que a adolescência é uma fase do desenvolvimento na qual o sujeito vivencia uma crise de conflitos de identidade que se baseia em mudanças corporais, fatores pessoais e conflitos familiares e durante o tempo em que enfrentam essas condições os adolescentes tendem a manifestar comportamentos variáveis, imprevisíveis, confusos e dinâmicos (BECKER, D. 2017).

Para Evelyn Eisenstein (2005), a adolescência é um período da vida caracterizado pelo desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social. Buscando assim relações que possam se originar e dar originalidade no entendimento de si própria. Dessa maneira podemos compreender que o novo convívio social é também gerado e interpretado a partir



dessas novas esferas sociais criadas pela internet, onde que para você existir, precisa ser visto e notado dentro dessas novas plataformas digitais, lidando com o fator de exposição diária e que dê relevância para a sua ascensão social. Se é na adolescência onde formamos a construção de quem queremos ser e de como queremos ser vistos, é nessa mesma fermentação de crises existenciais que podem ser gerados por um processo social uma dependência ainda maior dos vícios pelas redes sociais. Segundo Hundley e Shyles (2010), isso explica por que a visibilidade tenha se tornado, em especial para os adolescentes, um imperativo significativo, fazendo com que o uso das redes sociais seja um mecanismo para alcance dos seus objetivos e manutenção das relações.

Para Bauman (2004), a crise de identidade está ligada ao processo de visibilidade, de ser reconhecido dentro do seu espaço, e quando não é alcançado determinado objetivo é o que justifica a exclusão, o mal-estar.<sup>2</sup> As redes sociais são usadas para permear essas interações e a busca pela aceitação de si e dos outros, por isso que os dispositivos que operam com imagens são os que têm maior vinculação. É nesses espaços virtuais que os adolescentes buscam se reafirmar como sujeitos em busca de uma construção social que seja ativa e interativa com o outro. O que para Gabriel Marra e Benedito Rodrigues (2013, p.97) configura-se como a construção de perfis que envolve as relações do produto, a identidade do dono do perfil, com o consumidor, o que se refere como a platéia ou público, que são os outros usuários das redes. A criação da identidade é um processo de transformação que se dá por intermédio da relação entre o indivíduo e o meio. Esses processos de interação consistem então na construção das identidades e dos conflitos dos jovens na atualidade.

O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos. Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, por outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes. (SANTOS, 2009, p. 63).

Para Recuero (2009), as redes sociais são como espaços que propõem aos indivíduos a realização de interações apoiadas dentro dessas ferramentas digitais. As redes sociais, por tanto, constroem uma nova visão da comunicação dentro da sociedade contemporânea, sendo responsável pela maior parte da interação que o indivíduo pode ter com o mundo

---

<sup>2</sup> O mal-estar não pode ser atribuído a uma causa unilateral ou individualizada. Na psicanálise, o mal-estar (Freud, 1930/2011) está sempre referido ao outro, à vida coletiva na cultura, podendo ter sua origem tanto na esfera intersubjetiva das relações sociais mais diretas quanto na dimensão intrassubjetiva por meio da presença de seu herdeiro psíquico, o supereu, tendo o ideal de eu como um de seus componentes. (Carneiro; Souza; Coutinho; Silva, 2016)

social. Para Bertoletti e Camargo (2016), o indivíduo está inserido dentro das camadas sociais quando ele está conectado dentro dessas plataformas digitais.

Como discutido no filme *O dilema das redes sociais* (2020), esses dispositivos são como ferramentas que servem para promover um maior engajamento do usuário dentro das suas relações sociais. Essas ferramentas são fundadas em três formas de alcance: o engajamento, que seria a intenção de aumentar o uso e manter o indivíduo conectado, crescimento que é a intenção de aumentar o número de pessoas conectadas nas plataformas digitais e a publicidade, que é a forma que as redes sociais buscam lucrar com o aumento do consumo através de anúncios que são pensados e elaborados a cada perfil de usuário inserido em determinada rede social, previamente organizados através dos algoritmos (Harris, *o dilema das redes*, 30:00. 2020). Dessa maneira, as redes sociais trouxeram para os adolescentes e jovens que estão no início da sua sociabilização mais independente um maior destaque.

Os adolescentes e jovens inseridos dentro desse contexto desenvolveram uma relação afetiva com esses dispositivos eletrônicos, deixando o espaço de convívio público e real cada vez mais substituído pelos espaços privados das redes. Não por acaso, nas pesquisas sobre o uso de dispositivos, os adolescentes brasileiros ocupam lugar de destaque, de acordo com o IBGE em uma pesquisa publicada em abril de 2021 mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet e dentro dessa pesquisa aponta também que o telefone celular é a principal ferramenta utilizada pelos usuários e o maior uso está entre os adolescentes, chegando a cerca de 88,1%.

Um estudo recente realizado pelo Statista, banco internacional de estatísticas, levantou uma lista com as 20 nações que mais possuem usuários conectados nas redes sociais. O Brasil não só aparece na pesquisa como se encontra entre os primeiros, ocupando a 5ª posição do ranking. (Convergência Digital, 2022)

Cabe ressaltar que essa realidade que se torna cada vez mais ampliada de maneira significativa deu início a Pandemia de Covid-19. Uma pesquisa elaborada pelo Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) aponta um aumento nos casos de depressão: "A prevalência da depressão entre jovens nessa faixa etária cresceu de 5,6% em 2013 para 11,1% em 2019. A audiência foi resultado de requerimento da deputada Tabata Amaral (PSB-SP) e contou com a participação dos Institutos Cactus e Veredas. (2022)". Entretanto, trata-se de um processo mais antigo do que a covid 19. Algo que se relaciona também com um imperativo de visibilidade, como Paula Sibilía tratou, nas últimas décadas a visibilidade

se tornou um imperativo social, que faz com que para existirmos tenhamos que ser vistos (2017).

Segundo a pesquisa realizada pela Universidade Federal de São Paulo (2022), jovens entre 13 a 17 anos sofrem dependência emocional associada ao uso excessivo das redes sociais ou internet. Dentre eles, cerca de 68% sofriam de dependência moderada, enquanto 20% sofriam de uma dependência considerada grave. Se tratando de um período de construção de caráter social essa dependência pode gerar uma relevância no que esses dispositivos podem gerar nos jovens e adolescentes, no que desrespeito a sua saúde mental. Sendo assim as redes sociais, tem um enorme potencial dentro da construção do sujeito principalmente quando tratamos da adolescência, as redes sociais aumentam ainda mais essas possibilidades, trazendo diferentes formas de visibilidade e questionamentos. Gadelha (2017), caracteriza as mídias sociais e as tecnologias em quatro vetores, sendo eles o desempenho (*performance*)<sup>3</sup>, a gestão, o imperativo de visibilidade-transparência, por isso as redes sociais têm uma maior relevância dentro desse público.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), as novas tecnologias estariam atreladas à educação e a cultura (APUD Izquierdo, 2009). Elas objetivam a produção e o compartilhamento de conhecimentos para potencializar o desenvolvimento humano. Nas escolas, principalmente entre os adolescentes, pesquisas trazem dados que apontam o aumento da dependência virtual, mas também em como essa dependência pode gerar transtornos mentais que afetam os jovens e diretamente a escola.

A pesquisa apontada pelo site AMESUAMENTE (2022) mostra o crescimento do chamado cyberbullying, que é o assédio virtual que tem como base envergonhar suas vítimas por meio das tecnologias digitais. Além disso, as redes sociais trouxeram uma superexposição infantil, que é uma ameaça ao direito à imagem que também é estabelecido como direito pelo ECA. Apesar da tecnologia hoje ser uma fonte de informação e também um apoio educacional, quando não repensados os seus impactos e os ambientes que podem gerar após o uso excessivo das mídias sociais, trazemos uma nova perspectiva e olhar sobre essas tecnologias midiáticas.

---

<sup>3</sup> Trata-se de uma ação praticada por alguém que considera estar realizando uma performance e cujo o público assim o vivencia. (Sibília, 2015)

### 2.3 AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Segundo Deleuze (1990), as tecnologias são máquinas sociais produzidas por nós mesmos, produtos sociais das épocas em que são produzidos: “é fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquinas, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las” (1990: 225). Se, por um lado, as novas tecnologias parecem aumentar e diversificar as informações que circulam no mundo na atualidade; por outro, o avanço dessas tecnologias está ligado também a consolidação das dinâmicas próprias do capitalismo tardio, que utiliza tais tecnologias como base de seu funcionamento de concorrência.

Para pensar as relações entre tecnologia e mal-estar, talvez seja fundamental entender a tecnologia não como uma causa única, mas como parte integrante de uma lógica mais ampla de sociedade. Como pensam Deleuze (1990), Ferraz (2018) e Sibilia (2017), é fundamental entender a tecnologia a partir dos complexos engendramentos sociais, em uma relação em que as máquinas são produto das sociedades que as produziram, mas ao mesmo tempo são produtoras dessas sociedades. Assim, para pensar as implicações do uso massivo das tecnologias e dos efeitos na subjetividade desse uso, é fundamental pensar as lógicas que são operadas nos seus funcionamentos.

Paula Sibilia (2017), por exemplo, estuda de que maneira, em meio aos vertiginosos processos de globalização dos mercados em uma sociedade altamente midiaticizada, fascinada pela incitação à visibilidade e pelo império das celebridades, há um deslocamento daquela subjetividade "interiorizada", tipicamente moderna, em direção a novas formas de autoconstrução. Para ela, essa transformação não é causada unicamente pelas tecnologias. Ao contrário, o desenvolvimento dessas tecnologias estaria ligado a formas sociais ancoradas no capitalismo mais desenvolvido da atualidade, que se caracteriza pela superprodução e pelo consumo exacerbado, no qual vigoram os serviços e os fluxos de finanças globais: um sistema articulado pelo marketing e pela publicidade, pela monetarização da identidade. É nesse sentido que, para Sibilia, são desenvolvidas subjetividades alterdirigidas que se constroem diante das câmeras, a partir da ancoragem no olhar e na aprovação do outro.

Nesta perspectiva, é importante lembrar que a tecnologia está sempre propondo ao seu usuário um modo de agir, uma espécie de palavra de ordem que orienta nossos hábitos e

nossas reflexões. Isso significa que essa dimensão prática está acompanhada não apenas de uma experiência própria, além dessa experiência própria, implicada naquela dimensão prática, também há uma dimensão pedagógica: precisamos aprender a fazer todas essas operações e, mais do que isso, é necessário que essas operações sejam o tempo todo valorizadas por nós como vantagens, atitudes necessárias (muitas vezes, urgentes) para tornar nossa vida mais fácil, mais dinâmica, mais eficiente e até mais divertida.

Em a sociedade de controle, que é forma de dominância (DELEUZE, 1996) passa então por uma nova configuração de controle, conhecida como o capitalismo de vigilância, onde o sujeito se torna produto dessa nova máquina da economia que são as redes sociais e os modelos que elas utilizam e é nesse campo que entram as novas tecnologias de informação, que estão em constante uso principalmente entre jovens que estão na construção do seu desenvolvimento pessoal e social.

Se antes tínhamos uma compreensão de um governo de dominação, onde a troca mercantil era mais valorizada, hoje se configura o valor do sujeito como inteiro dando ênfase nas suas relações sociais e interpessoais tais como, família, amigos e emprego. Um sujeito bem-sucedido é um sujeito bem desenvolvido socialmente.

Os jovens buscam uma autonomia dentro das redes sociais que não é real, lidando com a liberdade de espaço e de comunicação de uma maneira mais leve do que os que podem ser impostos dentro da sociedade real. Por isso os jovens estão cada vez mais conectados, mais dentro dessas esferas sociais buscando destaques e serem vistos por outras camadas. É a busca por ressaltar uma realidade da qual considera importante para eles mesmos, mas até onde vai essa liberdade? Se tratando dos espaços que a internet oferece a esses jovens, estamos falando de uma falsa sensação de liberdade, onde você pode achar que tem o poder de se expressar mais está sendo notado e observado por outras pessoas além de um sistema que tenta modular ou persuadir e controlar os seus interesses.

Para Han (2010) essas novas formas de vigilância<sup>4</sup> dão uma falsa sensação de liberdade, dando o que seria uma nova forma de violência que usa da inconsciência dos indivíduos, é, portanto, uma violência sistêmica que está ligada a padrões. Seria uma violência silenciada através desses novos sistemas de comunicação que lidam com a

---

<sup>4</sup> A relevância dessa nova forma de contrato social, trabalhada por Foucault (1762), é a forma como são dialogados os interesses e o convívio dentro da sociedade que sofrem mudanças de acordo com a época e economia.

aceitação e a rejeição dos sujeitos. Se a realidade em que vivemos não alcança os nossos desejos e vontades, dentro das redes sociais, podemos lidar com a o outro e é nessa medida em que criamos experiências e expectativas dentro de realidades distintas que lidamos com problemas bem maiores como as frustrações e os transtornos depressivos que para Han (2010) é um sufoco de estarmos sempre em busca de padrões altos. As redes sociais então é uma busca de um prazer, de um reconhecimento.

Portanto esse governo de si remete a uma ideia de que todos podem alcançar a sua melhor versão através do empenho e da sua melhor formação. Até que ponto a ideia do sujeito como empresa de si pode influenciar na autoestima do sujeito e na sua saúde psicológica. O sucesso desse sujeito está inteiramente ligado às suas ações e as suas realizações e quando elas não são alcançadas, qual o impacto que esse sujeito pode sofrer dentro dessa concepção de mundo social que estão inseridos. O indivíduo não é mais aquele que só produz, mas também é um consumidor e produto dessa sociedade que está sempre inserida em um consumo em massa de informações e alterações nas concepções de espaço e construção da realidade. Essa ideia de emancipação do sujeito faz com que ocorra o individualismo de cada um dentro da sua liberdade e autonomia.<sup>5</sup>

O surgimento das tecnologias de massa mudou as formas de vigilância do Estado, o controle é dado por gestão midiática, que é causado pelas engrenagens dessa nova forma de governo. O sujeito agora entende e considera o seu desenvolvimento como um ato próprio, ou seja, ele mesmo vai em busca da condição e realidade que ele quer e que ele consome. Sendo assim, as escolas são vistas como uma instituição que pode modelar o sujeito dentro da sociedade. Como indica Dardot e Laval (2016, p.332) em *A nova razão do mundo*: “A grande inovação da tecnologia neoliberal é vincular diretamente a maneira como o homem é governado à maneira como ele próprio se governa”. A governabilidade dos corpos e mentes usa desses métodos de vigilância que se encontram bem mais ativos dentro das redes sociais, uma maneira de controle e do que é consumido como produto, já que esse indivíduo está inserido em alguma escala social e é proveniente de desejos e ambições, portanto a empresa de si não avalia somente a vida profissional do sujeito, mas leva em consideração a construção total do sujeito, tanto física, estética e comportamental.

Nessa ideia de buscarmos sempre o melhor que podemos ser, seja voltado para fins

---

<sup>5</sup> A liberdade que para Laval e Dardot configura o individualismo moderno que é controle do corpo e educação da mente voltada para a economia, por meio de um contrato. Esse contrato é o que move a produção social e o seu consumo

profissionais ou pessoais, aumenta a tensão de concorrência entre os indivíduos e aumenta ainda mais a ideia de um ideal, da busca de uma perfeição, de um ser ou estado perfeito. Nesse âmbito entram as redes sociais e a construção do sujeito através dessas redes e de como elas estão inseridas no contexto diário dos sujeitos como Dardot e Laval ressaltam no trecho “desse ponto de vista, tudo se torna empresa: o trabalho, mas também o consumo e o lazer.” O sujeito está sempre em comparação, ou competindo e isso envolve a forma como o sujeito se vê e se encontra na sociedade dando várias possibilidades para o sujeito se sentir útil ou não dentro da sua correspondência ao que se deseja.

Esses mesmos jovens que buscam uma autonomia dentro das redes sociais, passam por crises e a maioria pode se ver numa situação de comparação, não estamos mais lidando com um sujeito que busca seu aperfeiçoamento para um determinado campo da sua vida, como o profissional. Como era mais importante na sociedade industrial, o sujeito precisa então ser entendido por toda a sua complexibilidade que para Foucault essa complexidade abrange suas subjetividades que é mais do que a singularidade e individualidade de cada um.

Essa política de governança de si e dos outros é para Foucault (1999), uma imersão do poder, poder aquele que são ditados pela ação de si dos outros e nesse mesmo sentido trabalhamos a liberdade, a liberdade de expressão e de realização dos seus desejos por nos entendermos como "sujeitos livres". A liberdade de poder realizar as nossas escolhas nos dá uma falsa sensação de poder, de controle, no qual podemos achar que as nossas decisões são tomadas e partidas do princípio de nós mesmos, mas somos sujeitos que estamos inseridos em contextos reais que são ajustados individualmente e coletivamente.

Dessa forma entende-se que a sociedade se dá por ligações dinâmicas que foram ressaltadas e modificadas a partir da visibilidade instalada dentro das redes sociais. Para Granovetter (1983) as construções sociais são moldadas a partir de laços que dão a sensação de pertencimento, de intimidade e de reciprocidade. O vínculo com as redes sociais traz uma sensação de pertencimento e de emancipação, pois cada vez nos tornamos mais conectados e em busca de um ideal, de uma liberdade e de uma visibilidade em torno de uma estrutura já preestabelecida que vincula a competitividade com a produção e concretização de algo.

Para Recuero (2009), as redes sociais trazem um novo conceito de capital social que está mais ligado a visibilidade, assim quanto mais um indivíduo alcança conexões dentro de

uma rede mais será bem-sucedido. É dessa forma que as redes sociais vêm construindo dentro da sociedade, um espaço de aceitação e de criação de conteúdo. Atualmente tudo se passa pelas redes sociais e é nesse âmbito que estamos modulando camadas da nossa sociedade e dentro dela estão os jovens e adolescentes que buscam recorrentemente uma aceitação de si e do outro.



## 2.4 BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais trouxeram uma maior propagação nos mecanismos de governabilidade, sociabilização, visibilidade e de espetáculo, criando um novo espaço que parte dessas novas lógicas sociais que tem como um dos fatores a concorrência a avaliação permanente. É fato que um indivíduo não consegue se desenvolver sozinho é necessária uma estrutura que estabeleça formas e dinâmicas para a construção de um ser. As sociedades sempre tiveram mecanismos de organizações que modulam e caracterizam a sua época e o sujeito do qual estamos falando. Na sociedade contemporânea, esse sujeito não é somente um produto da realização da sociedade, mas também um ser participativo, que têm interesses e desejos tanto em uma esfera pessoal como em uma esfera social. Sendo assim as redes sociais têm na sua estrutura essas engrenagens que nos colocam em estado de competição e nos submete a uma avaliação que tem na imagem seu eixo principal. As redes sociais não são causadoras do mal-estar contemporâneo, mas elas intensificam as lógicas sociais que estão ligadas a competitividade, a concorrência.

As escolas por se tratar de espaços de conhecimento de si e dos outros, são também espaços que trabalham diariamente com as dinâmicas das relações sociais, lidando de forma incessante as expectativas que são geradas e construídas pela sociedade em questão. Por se tratar de uma sociedade que está em constante análise, partindo de um princípio de que ser visto, é ser notado, estamos falando de jovens que tem em sua realidade, a constante busca por aprovação, buscando mais interações e relações nas suas vidas dentro desses algoritmos das redes sociais do que propriamente no seu dia a dia. As escolas, portanto, se tornam espaços de estabelecimento da realidade social que caracteriza a época que está inserida, sendo assim as lógicas da sociedade atual interferem diretamente nas dinâmicas das escolas.

A competitividade já existente dentro do capital pessoal, que é aquele capital que remete ao ser bem desenvolvido, ao ser que realiza suas conquistas, essa competitividade existe dentro das relações como um todo, desdobra-se também dentro das redes sociais, que propaga ainda mais e deixa evidente essa competitividade. De fato, o mal-estar social não está somente atrelado ao uso excessivo das redes sociais, mas está amplificado devido ao uso constante das redes. O jovem inserido dentro do contexto escolar, decorre por várias realidades e questionamentos da sua individualidade, e são os mesmos jovens que estão concretizando o seu desenvolvimento, mas que estão indagados a perguntar a sua funcionalidade dentro desse mecanismo social.

As redes sociais e a escola são estruturas que fazem parte da sociedade contemporânea e são ligadas à construção do sujeito atual. Um sujeito que não está somente inserido nas relações sociais dentro do espaço escolar, mas também está englobado dentro de novo mecanismo de comunicação que veio através das redes sociais. Buscando serem notados e quando isso não ocorre, lidamos com a realidade de jovens frustrados, ansiosos e depressivos e com um aumento de casos relacionados a saúde mental que intensificam essas lógicas e mecanismos que já estão inseridas nas estruturas da sociedade contemporânea, mas que são reforçadas e ampliadas através das redes sociais.

## 2.5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

ROSA, G; SANTOS, B. *Facebook e as nossas identidades virtuais: A negociação de identidades nas redes sociais, o medo de se expor e a subjetividade do homem contemporâneo*. Brasília: Editora Thesaurus, 2013

SIBILIA, P; *Show do Eu: A intimidade como um espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora ContraPondo, 2º edição 2016.

CHUL HAN; B. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Editora: Vozes, 2016.

SANTOS, V.L.C.; SANTOS, J.E. Título: *As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas*. HOLOS, vol. 6, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481547175023.pdf> . Acesso em: 2022

GAMA, G.O; GAMA, C.O; PINHA, L.C. Título: *Michel Foucault e a estética da existência/resistência*. EFDEPORTES, 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd138/michel-foucault-e-a-estetica-da-existencia-resistencia.htm> Acesso em: novembro de 2022

TIC KIDSONLINE BRASIL. Cetic.br, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/> >. Acesso em: dezembro de 2022

ASCOM; Ministério da comunicação. *Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet*. IBGE, MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet> Acesso em: dezembro de 2012

Redes Sociais e Saúde Mental: Será que existe influência. HOSPITAL SANTA MONICA, 2020. Disponível em: <https://hospitalsantamonica.com.br/redes-sociais-e-saude-mental-sera-que-existe-influencia/>> Acesso em: dezembro de 2022

THOMPSON, D. Why American Teens Are so Sad. The Atlantic. Abril,2022. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/newsletters/archive/2022/04/american-teens-sadness-depression-anxiety/629524/> Acesso em: abril de 2022

GADELHA, S. Desempenho, gestão, visibilidade e tecnologias como vetores estratégicos de regulação e controle de condutas na contemporaneidade. Educar em revista, Curitiba, Brasil, v.33, n. 66, p. 113-139, out/dez 2017.

- Depressão entre jovens de 18 a 24 anos aumentou de 11,1% em 2010. Instituto de Estudos para Políticas de Saúde, 2022. Disponível em <<https://ieps.org.br/depressao-entre-jovens-de-18-e-24-aumentou-para-111-em-2019-segundo-pesquisador-do-ieps%ef%bf%bc/>> Acesso em: dezembro de 2022
- O impacto das mídias sociais na saúde mental das pessoas, AmeSuaMente. 2022. Disponível em:<https://www.amesuamente.org.br/blog/o-impacto-das-midias-sociais-na-saude-mental-das-pessoas/> Acesso em: dezembro de 2022
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República. Título I; Art 1º e 2º. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm#:~:text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,e%20dezoito%20anos%20de%20idade](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,e%20dezoito%20anos%20de%20idade)>.
- Jovem brasileiro é o mais conectado à internet do que a média global. G1, 2016. Disponível em:<https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/07/jovem-brasileiro-e-mais-conectado-internet-do-que-media-global.html> Acesso em: dezembro de 2022
- SETTON, M.G.J; Título: A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. Revista RBE, vol 14, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/44MPvYzXwG4bGb8bYTVmXJw/?lang=pt#> Acesso em: janeiro/2022
- BORDIGNON, C; BONAMIGO, I.S; Título: Os jovens e as redes sociais virtuais. Revista PPP, vol 12, 2017. Disponível em: [http://seer.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/2456/1699](http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2456/1699) Acesso em: janeiro/2022
- KUSS, D. Noventa e nove por cento das crianças e adolescentes entre 3 e 17 anos usam redes sociais. Gazeta do Povo, 2022. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/comportamento/99-das-criancas-e-adolescentes-entre-3-e-17-anos-usam-midias-sociais/> Acesso em: janeiro de 2022
- No Brasil, 159 milhões usam redes sociais diariamente. Youtube é o campeão.* Convergência Digital, 2022. Disponível em:<https://www.convergenciadigital.com.br/Internet/No-Brasil%2C-159-milhoes-usam-redes-sociais-diariamente.-YouTube-e-o-campeao-59919.html?UserActiveTemplate=mobile> Acesso em: Janeiro de 2022
- CRUZ, Fernanda Alves Davidoff. *O impacto do uso de mídias digitais na qualidade de vida de adolescentes.* 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/2208-jovens-desenvolvem-dependencia-d-e-redes-virtuais>
- FERNANDES, A. V. M. Crianças e adolescentes no brasil: a busca pela visibilidade. Revista

Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 2, n. 2, p. 136–145, 2007.  
DOI: 10.21723/riaae.v2i2.466. Disponível em:  
<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/466> . Acesso em: jan. 2023.

SANTOS, S; FIGUEIRA, J. Fake News e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade. Coimbra: Editora Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

SIBILIA, P. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos, v.17, n.3 (2015); Setembro/Dezembro. Disponível em:  
<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09>

MAIA, J; BRAGA, D. Popularidade e visibilidade em redes sociais online: Negociação de capitais sociais em meio digital para ampliação de audiência. Doi 10.5216/sig . V29i2.35577 (2017) Disponível em:  
<https://revistas.ufg.br/sig/article/view/35577/25014#info> Acesso em: abril 2023

FOSSATTI, P; SARMENTO, D. Por uma ética do cuidado de si: um olhar para os modos de subjetivação na governabilidade do unilasalle. Revista Diálogo, Editora Canoas, n. 15. p. 59 a 72, jul-dez 2009.

O DILEMA DAS REDES. Direção: Jeff Orlovski. Produção de Larissa Rhodes. Estados Unidos. Produtora: Exposure Labs; Agent Picture; Argente Picture; The Space Program; Set/2020

BARNHILL, John. Considerações gerais sobre transtornos de ansiedade. Manual MSD Versão Saúde para a Família, 2020. Disponível em:  
<https://www.msmanuals.com/pt/casa/dist%C3%BArbios-de-sa%C3%BAde-mental/ansiedade-e-transtornos-relacionados-ao-estresse/considera%C3%A7%C3%B5es-gerais-sobre-transtornos-de-ansiedade>

CORYELL, William. Transtornos depressivos. Manual MSD Versão Para Profissionais da Saúde, 2021. Disponível em:  
<https://www.msmanuals.com/pt/profissional/transtornos-psi%C3%A1tricos/transtornos-do-humor/transtornos-depressivos>